

Os investidores não são uma massa homogênea

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Recentemente a Anbima divulgou a quarta edição da pesquisa Raio X do Investidor, feita em parceria com o Datafolha, que analisa a percepção de 3.048 pessoas sobre suas vidas financeiras.

A pesquisa abrange pessoas economicamente ativas, aposentados e que vivem de renda das classes A, B e C, grupo que, estima-se, represente um contingente de 103,5 milhões de habitantes.

Esta quarta edição colhe a percepção dos entrevistados no ano de 2020, ou seja, em meio à toda sorte de infortúnios pessoais, sociais e econômicos causados pela covid-19.

A título de contextualização, em 2020 o PIB recuou 4,1%, a renda per capita retrocedeu 4,8%, o consumo das famílias foi reduzido em 5,5% e o desemprego bateu a casa dos 15%.

Os efeitos da pandemia, contudo, não são homogêneos. Estudo da FGV Social divulgado em outubro passado aponta que a renda individual do trabalho caiu 20,1%, sendo que a do grupo composto pela metade mais pobre recuou 27,9% enquanto a dos 10% mais ricos acusou queda de 17,5%.

É nesse ambiente de empobrecimento e ampliação do fosso social entre pobres e ricos que a percepção dos entrevistados pelo Raio X dos Investidores foi colhida.

Pela primeira vez desde sua primeira edição, em 2017, houve uma queda no número de investidores, que caiu de 44% em 2019 para 40% em 2020. Este grupo anotava renda familiar média de R\$ 7.100 e contava com 42% de seus integrantes com ensino superior. Para efeito de comparação, o consolidado formado por "não investidores" tem renda média de R\$ 3.800 e apenas 18% possuem ensino superior.

Segundo a pesquisa, a perda de renda atingiu 55% da amostra, sendo que 45% registraram perda parcial e 10% total. Um tombo deste tamanho não é fácil de absorver e, com certeza, dominou a percepção dos entrevistados. Vale mencionar que o grupo denominado de "não investidores" foi mais afetado pela corrosão da renda.

Como nosso objetivo é tentar entender as reações dos investidores, vamos tratar aqui deste grupo que, segundo o Raio X do Investidor, é composto por pessoas que investem em produtos financeiros.

Apesar da queda generalizada da renda, 36% dos entrevistados declararam que conseguiram poupar. Para 56% destes, a restrição à circulação (a impossibilidade de sair para festas, restaurantes etc) foi o principal motivo para conseguir economizar, percentual que era de apenas 34% em 2019.

Poupar não é fácil, e comparação com outros dois itens relacionados a gastos aponta esta dificuldade. Enquanto a poupança forçada subiu, 24% declararam evitar compras desnecessárias e 19% atribuem a economia ao melhor controle de despesas, estes números, na verdade, eram melhores, 47% e 34%, respectivamente. Apesar da percepção dos entrevistados, o consumo de supérfluos subiu e o controle piorou.

Como se pode ver, a gente sempre dá um jeitinho. O consumo está associado a busca de prazer e, se algo nos impediu de sair de casa e de nos divertirmos, entra em cena a estratégia de compensação. Pequenos ou grandes mimos, a depender do tamanho da compra e do bolso.

Para 53% dos brasileiros investidores os produtos financeiros foram o principal destino de suas economias, um aumento de 11 pontos percentuais em relação a 2019. Dentre estes produtos, a caderneta de poupança conta com 29% de adesão, uma queda de 8 pontos percentuais, embora ainda se mantenha como alternativa preferida deste grupo.

Este robusto direcionamento do dinheiro economizado para produtos financeiros foi liderado pelas classes A e B, com a classe C mantendo-se estável em relação ao ano anterior.

Dois fatores parecem ter contribuído para o crescimento dos demais produtos financeiros em detrimento da caderneta de poupança. De um lado a taxa de juros, que ficou em patamares historicamente muito baixos, o que criou um desincentivo natural para a poupança.

Por outro lado, como os investidores das classes A e B foram menos atingidos pelos efeitos da pandemia e, como já estavam mais acostumados a produtos mais sofisticados, é possível estimar que seu peso relativo cresceu na amostra impactando positivamente a preferência pelos demais produtos.

A se confirmar esta expectativa, é possível afirmar que, de fato, quanto maior o conhecimento sobre investimentos melhor será a diversificação de portfólio das famílias no futuro.

Situações de perigo e estresse costumam nos deixar mais cuidadosos e menos propensos a assumir riscos. Aqui mais um achado da pesquisa sobre como reagimos a estes momentos.

Quando inquiridos sobre que destinos que pretendem dar à suas aplicações, os itens ligados a manter recursos aplicados para emergências, aposentadoria e pagar contas cresceram na preferência do grupo. Já aqueles relacionados a compra de automóveis, viagens, e investir em negócio próprio registraram queda. A aversão ao risco aumentou, natural.

Um recorte preocupante, mas compreensível, está relacionado ao futuro. A pesquisa apontou um recuo no percentual a ser direcionado para educação e futuro dos filhos.

O número do Raio X do Investidor de 2020 explicita que os investidores não são um bloco coeso. Os investidores foram atingidos de formas diferentes pela pandemia e assim reagiram de forma distinta.

Ainda há muito a se estudar sobre o ano de 2020.

Redução de renda, desemprego, taxas de juros baixas e queda e vertiginosa recuperação da bolsa, tudo ao mesmo tempo e em uma intensidade incomum. Parece até uma daquelas histórias de cometas que aparecem a cada século.

Por ora, arrisco a dizer que o ingresso de novos investidores e a maior participação de investidores das classes A e B fizeram diferença na alocação dos recursos e na forma como vimos o mercado reagir aos movimentos das taxas de juros e Bolsa.

Hudson Bessa é sócio da HB Escola de Negócios
hudson@hbescoladenegocios.com